

O que aconteceu após a China plantar 66 bilhões de árvores

Category: GERAL, MEIO AMBIENTE, MUNDO

escrito por Maria Luiza | 11 de julho de 2026



Há quase meio século, houve um projeto muito menos chamativo, mas ainda assim monumental: plantar árvores em uma escala difícil de encontrar em qualquer outro lugar do mundo.

A Grande Muralha Verde contra a desertificação

Desde 1978, o gigante asiático plantou cerca de 66 bilhões de árvores como parte da chamada Grande Muralha Verde, uma barreira vegetal concebida para conter o avanço dos desertos de Gobi e Taclamacã. O objetivo era impedir que a areia continuasse engolindo as pradarias do norte do país, uma região onde o deserto de Gobi chegava a avançar mais de 2.600 quilômetros quadrados por ano.

Segundo o site de notícias científicas Live Science, a China planeja plantar outros 34 bilhões de árvores até meados deste século, transformando ainda mais uma paisagem que já pouco se parece com a do fim dos anos 1970.

O curioso é que essa gigantesca muralha de árvores nunca foi criada para combater a mudança climática, mas sim para deter a desertificação. Ainda assim, seus efeitos acabaram indo muito além do objetivo inicial.

Segundo a revista Nature, a cobertura florestal nas regiões afetadas passou de 5% em 1978 para 14% em 2023. Com isso, não apenas diminuíram as tempestades de poeira, como também melhorou a qualidade do ar em grandes cidades.

Florestas plantadas crescem mais rápido que as naturais

Agora, uma nova pesquisa publicada na revista Geophysical Research Letters acrescenta uma faceta inesperada à história. As florestas plantadas parecem responder ao aumento do CO₂ de forma diferente das florestas naturais. Essa diferença se traduz em um crescimento muito mais rápido da cobertura de folhas, embora os pesquisadores ainda não saibam exatamente quais mecanismos explicam esse fenômeno.

Para chegar a essa conclusão, a equipe liderada pelo especialista em ecologia da paisagem Yuhang Luo, da Universidade de Pequim em Shenzhen, analisou observações de satélite do índice de área foliar, uma medida da densidade da folhagem relacionada à capacidade das florestas de capturar carbono.

Os resultados mostraram que esse indicador aumentou 66% mais rapidamente nas florestas plantadas do que nas naturais.

Um fator de manejo, não apenas de idade

Parte dessa vantagem se explica pelo fato de as plantações serem muito mais jovens e ainda estarem atravessando sua fase de crescimento mais acelerado.

No entanto, a idade por si só não basta para explicar o fenômeno. Mesmo quando comparadas a florestas naturais de idade e condições semelhantes, as áreas reflorestadas cresceram 4,6% mais rápido.

Outra parte da explicação está na forma como essas plantações são administradas. Além de serem compostas, em geral, por espécies de crescimento rápido, como eucaliptos e álamos, elas

recebem um manejo florestal mais intensivo, que favorece a absorção de luz, água e nutrientes e amplia a resposta das árvores ao aumento do dióxido de carbono na atmosfera.

Uma vantagem com prazo de validade

Essa vantagem, porém, parece ter prazo de validade. Ela atinge seu pico quando as árvores têm entre 30 e 40 anos e depois começa a diminuir.

As florestas naturais, por sua vez, mantêm um desenvolvimento mais lento, porém constante, o que lhes proporciona vantagem no armazenamento de carbono e na resiliência de longo prazo, segundo as conclusões do estudo.

Luo afirma que esses resultados revelam uma limitação de muitos modelos climáticos atuais, que não diferenciam adequadamente florestas naturais e plantadas nem levam em conta a idade ou o histórico de manejo de cada área florestal, o que pode distorcer a avaliação de sua real capacidade de captura de carbono.

“As florestas plantadas podem ser uma ferramenta muito eficaz de curto prazo para a captura de carbono, mas essa vantagem é temporária. Para o armazenamento de carbono e a resiliência de longo prazo, as florestas naturais continuam sendo insubstituíveis”, afirmou Luo à Live Science.

Vozes críticas ao estudo

Nem todos, porém, concordam com as conclusões da pesquisa.

Kevin Dsouza, pesquisador que trabalhou com modelos de reflorestamento na Universidade de Waterloo e que não participou do estudo, disse à Live Science que o índice de área foliar é um indicador útil, mas insuficiente para estimar quanto carbono uma floresta realmente armazena.

Uma parte significativa desse carbono também se acumula na

madeira, na casca, nas raízes e no solo, e não apenas na copa das árvores.

Segundo Dsouza, outro estudo sobre as florestas chinesas apontou que as áreas naturais também podem acumular mais carbono acima do solo durante seus primeiros anos de desenvolvimento. Por isso, esses resultados devem ser interpretados com cautela.

Um sumidouro de carbono em larga escala

Ainda assim, a dimensão do projeto continua sendo excepcional.

Em 2020, as florestas plantadas do sul da China cobriam 90,3 milhões de hectares, o equivalente a 36,6% de toda a área florestal do país, de acordo com o site IFLScience.

Outra pesquisa estimou que a faixa arborizada ao longo do deserto de Taclamacã capturou cerca de 8,3 milhões de toneladas de CO₂ por ano entre 2004 e 2017, enquanto emitia aproximadamente 6,7 milhões de toneladas anuais, o que indica que funcionou como um sumidouro líquido de carbono nesse período.

Para Luo, a lição não é deixar de plantar árvores, mas fazê-lo de forma mais criteriosa: definir quando plantar, quais espécies utilizar e como administrá-las posteriormente.

Na avaliação do pesquisador, o objetivo é oferecer “uma orientação mais prática para a ação climática baseada em florestas” que ajude a aprimorar futuros projetos de reflorestamento em larga escala.

Fonte: g1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
11/07/2026/07:29:09

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal

uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com

[Cassinos no exterior: mudanças positivas e lições para o Brasil](#)